

Relatos de viajantes - o olhar sobre o "outro"

Ivonete da Silva Souza*

Ana Maria Sabino*

*"Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas
refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje,
as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho".*

Halbuschs

Resumo: No presente texto relataremos uma experiência didática que envolveu as disciplinas de História e Português em torno dos relatos de viagens de navegadores, realizadas entre os séculos XVI e XX, e do estranhamento desses navegadores no contato com culturas diferentes. Essa atividade se constituiu em uma possibilidade de trabalhar com a História local inserida no contexto da expansão do mundo ocidental, e captar nos discursos dos viajantes o seu "olhar sobre o outro".

Palavras-chave: História; estudo e ensino; navegação

Abstract: In this article we report a didactic experience which involved two areas of knowledge, History and Portuguese. Around some navigators account about their travels during the 16th and 18th century. The strangeness in the contact with another cultures was investigated and analysed.

This experience was an opportunity to study the local History, in the context of the Western world expansion as well as to have an idea of how the navigators "look into the other".

Key words: History; study and teaching; navigation

Em 1994, as professoras das sétimas séries das disciplinas de História e Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação realizaram uma atividade de ensino interdisciplinar. Fundamentada nas mais recentes reflexões sobre o conhecimento histórico e numa concepção dialógica de leitura, essa atividade, revista hoje, antecipa algumas discussões e propostas, dentre elas a dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

* Professoras do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC.

74 • Ivonete da Silva Souza, Ana Maria Sabino

A partir do material utilizado, das anotações feitas e do que a memória não dispersou, segue-se o relato dessa experiência.

A experiência em História

Em 1994 deparava-me com alguns dilemas e alguns desafios: o de desenvolver uma atividade de ensino que fugisse do rigor cronológico linear, que incorporasse, junto a um conteúdo geral sobre as navegações e a ocupação do Brasil, a história do cotidiano da pequena vila de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis. Ao mesmo tempo, pretendia construir alternativas para atividades de ensino interdisciplinar que dessem a oportunidade de usar outros espaços para as ações pedagógicas que não estritamente a sala de aula.

Outras preocupações, que tinha na ocasião, eram operar com metodologias de ensino de História que pudessem proporcionar aos alunos uma demonstração de como se produz conhecimento nessa área, mediante o uso de documentos ou fontes, e utilizar outras linguagens no ensino que se constituíssem em alternativas com relação à utilização do acervo didático tradicional.

O conteúdo de História das sétimas séries do Colégio de Aplicação abrange um período cronológico que vai do século XV ao XVIII, envolvendo tanto as transformações que configuraram a modernidade européia quanto a expansão comercial e marítima que está na origem da chegada, posse e colonização do Brasil pelos portugueses.

Naquele momento tratávamos então da ocupação do Brasil. Trabalháramos com os conteúdos sobre as capitânicas hereditárias, os primeiros núcleos da colonização, dando atenção em especial à capitania de Sant'Ana, que abrangia parte da região do litoral de Santa Catarina.

A História local tornou-se presente em vários momentos do desenvolvimento do conteúdo programático. Mas, paralelamente a uma reflexão sobre o inserção da Ilha de Santa Catarina no contexto da expansão e disputas coloniais, pretendia suscitar discussões acerca do estranhamento que o contato entre culturas diferentes proporciona. Sendo assim, foi necessário selecionar e produzir material didático que permitisse um vai-e-vem de olhares entre as questões de macro e micro história, e, de fato, as temáticas escolhidas foram perfeitamente adequadas a esse objetivo, o que, na ocasião, representou uma facilidade compensatória sobre a inexperiência em trabalhar com o novo.

Por outro lado, a vontade em realizar atividades que envolvessem diferentes disciplinas gerou a necessidade de se estabelecer e adequar pontos de intercessão que permitissem a essas disciplinas manter suas especificidades e autonomia metodológica, mesmo atuando pedagogicamente de forma conjunta. Para isso, elegemos um tema e um eixo temático que pairassem acima das especificidades das disciplinas, mas que possibilitassem essa liberdade em recortes programáticos e avaliação: escolhemos “viagem” como tema e, como eixo comum, “o olhar sobre o outro”. Isso permitiu que as disciplinas tivessem um ponto, tanto de saída quanto de chegada, com relação aos objetivos a serem alcançados.

A experiência em língua portuguesa

Há algum tempo inquietava-me a reação dos nossos alunos diante do novo. Reação compreensível em se tratando de adolescentes. Chamava-me atenção, porém, que essa atitude não era um fato isolado, mas parte de um contexto mais geral, da cultura e mentalidade ilhoa. Na ocasião supunha que nossos alunos tinham poucas experiências em viagens e que nos portávamos como uma cultura insular.

Essa mentalidade se evidenciou no intercâmbio de alunos que o colégio realiza com uma escola argentina desde 1992, na dificuldade do nosso aluno não só em aceitar o outro, mas em querer saber desse outro, na pouca curiosidade para o que havia além das nossas fronteiras, na pouca disponibilidade para fazer a travessia - simbólica - da ponte, diga-se de passagem, alimentada no espaço interno da escola: sair para uma situação desconhecida? Enfrentar sabe-se lá que desafios quando aqui tudo é tão bom?

Dai o desejo de trabalhar com textos que permitissem uma reflexão sobre o nosso modo de olhar. Cogitou-se, então, um texto literário, por trabalhar com valores e experiências humanas. Mas que texto poderia motivar meninos e meninas à leitura e atender, ao mesmo tempo, a esses anseios?

Compartilhando com Luzia de Maria, “*mediante o diálogo com o mundo, a criança tem a oportunidade de inteirar-se de realidades diversas das suas e de confrontar-se com o outro, aceitando o diferente, reconhecendo-o e ampliando, assim, seu universo de referência.*”¹ Nessa concepção, a leitura requer distintos saberes, convidando ao diálogo

com outros textos, autores, outras pessoas, para que se apresentem outros pensares e se dividam as experiências.

O trabalho dialógico com outros textos convida também ao diálogo com outras disciplinas, que não é outra a atitude, como diz Ligia Chiappini, que a de “*abertura para fora dos estreitos e seguros limites de uma especialidade, na ânsia de relacionar saberes para alcançar maior compreensão do mundo (...)*”²

Nessa mesma ocasião, despertou-me interesse um comentário sobre as possibilidades de trabalho com a literatura dos viajantes.

Segundo os manuais de Literatura, os relatos produzidos pelos europeus que aqui estiveram nos primeiros tempos do Brasil-colônia revelam a “*primeira visão do nosso país: a visão do estrangeiro diante do desconhecido, daquele que procura entender o novo a partir daquilo que conhece*”³, ou seja, com os seus valores, sua cultura, com os seus pré-conceitos. Nesse sentido, esses textos correspondiam às expectativas, se levamos em conta que a “*percepção de cada um, individualmente, elabora-se com maior precisão graças ao Outro, que se coloca como limite e possibilidade*”⁴. Some-se a isso o fato de esses relatos, por apresentarem “*elementos (...) fruto da imaginação do autor*”⁵, muitas vezes um aventureiro, conterem elementos surpreendentes que prendem a atenção do leitor. Não é à toa que esses textos pertencem a um “*gênero que fez muito sucesso no século XVI em Portugal e na Espanha, principalmente, satisfazendo a curiosidade dos europeus sobre as conquistas levadas a efeito por portugueses e espanhóis, sobretudo nas Índias, na Ásia e na América*”⁶.

Na busca de um texto, deparamo-nos com a adaptação de Luiz Antônio Aguiar sobre as **Viagens e aventuras no Brasil**, de Hans Staden, publicado em 1557, no qual narra de forma simples e envolvente as suas aventuras em terras brasileiras, onde foi prisioneiro dos tupinambás durante nove meses.

Aventura, suspense!...características importantes que os meninos de 7ª série buscam nos livros de ficção. As meninas, embora se identifiquem mais com livros que tratam de temas próprios da adolescência, regra geral têm uma disponibilidade maior para ler outros temas, inclusive o de aventura. O livro, portanto, parecia se adequar aos nossos objetivos e interesses dos alunos. Bastava conferir!

Objetivos demarcados:

- Levar os alunos a se perceberem no processo histórico;

Relatos de viajantes - o olhar sobre o "outro" • 77

- trabalhar simultaneamente com as três temporalidades históricas: tempo longo, médio e curto;
- identificar diferenças e igualdades entre o Brasil e Santa Catarina coloniais;
- possibilitar que o ensino da História local adquirisse sentido, uma vez contextualizado em uma historicidade macro, ultrapassando os limites do isolacionismo, do exótico ou dos casos raros;
- possibilitar o entendimento do que significa o específico, como por exemplo: em que sentido um fenômeno é específico, como no caso da escravidão;
- reconhecer Florianópolis desenvolvendo um olhar significativo;
- por meio de experiências empíricas, vivenciar a História para além do conhecimento abstrato;
- desenvolver sentimentos de apego e valorização e a consciência da necessidade de conservação ao/do patrimônio histórico cultural;
- fazer da cidade um laboratório de História ensinada;
- contribuir para o desenvolvimento de sensibilidades quanto à construção da mentalidade sobre uma cidade voltada para o turismo responsável;
- desenvolver a leitura e a interpretação de textos;
- possibilitar ao aluno a leitura de um texto não convencional;
- a partir do diálogo com outros textos, possibilitar o desenvolvimento de uma visão crítica sobre o conteúdo e, no plano mais geral, sobre o eixo temático;
- produzir textos criativos, observando a construção do enredo, a seqüência e clareza de idéias;
- elaborar um relatório, a partir da discussão e análise de sua estrutura;
- introduzir a técnica de fichamento e, através dela, desenvolver nos alunos a capacidade para selecionarem idéias de acordo com objetivos demarcados;
- trabalhar com a organização de grupo, a responsabilidade e a sociabilização através da pesquisa e exposição oral de temas pesquisados;
- oportunizar a sociabilização, através de uma conversa em sala de aula, com jovens de outra cultura;
- oportunizar o alargamento do espaço pedagógico para além da sala de aula; e
- possibilitar o diálogo com outras áreas do conhecimento.

Abordagem, conteúdo e estratégias de aprendizagem utilizadas

Definidos os objetivos, traçamos o percurso que nos levaria a ele.

Na ocasião, na disciplina de História, trabalhava-se com os conteúdos relativos ao século XV e XVI e, conseqüentemente, com as viagens marítimas e os descobrimentos. Desse fato nasceu o desejo de associar esses conteúdos a uma viagem de barco pelas baías norte e sul da Ilha de Santa Catarina. Entendia que trabalhar pedagogicamente com a história local era colocá-la numa relação significativa com a história “geral”. Entendia também que fazer incursões de abordagem didática com a história dos anales era abrir diques no nosso programa de ensino, excessivamente etapista, no intuito de fertilizar outras temáticas e abordagens no espaço do conhecimento histórico em sua dimensão escolar. Assim sendo, organizaram-se as atividades de ensino em dois momentos no tempo: a disciplina de História discutia o século XV e XVI e a disciplina de Português, o século XX. História tratava das viagens em um contexto e condições tão distantes de nossa realidade que, às vezes, correu o risco de resvalar para o fantástico, enquanto que Português, partindo da chegada da família Schürmann à Ilha de Santa Catarina, após dez anos de vida em um veleiro, também se encontrava em uma área de constante marola entre o real e o sonho.

A viagem empreendida por essa família apresentava-se, portanto, como a grande motivação para se ler Hans Staden.

Trabalhar com o universal x local / passado x presente. Cotejar o que representaram essas viagens e as visões de mundo e interesses presentes em cada uma delas foi o norte traçado para se discutir “o olhar sobre o outro”.

Para introduzir o tema, a professora de Português buscou identificar na fala dos alunos as representações sobre o termo VIAGEM. Numa turma essa palavra sugeriu sentimentos pouco convencionais, como medo e morte. Drogas e leitura também foram citados. Regra geral, abarcou tanto a idéia de deslocamento espacial como a de aquisição de conhecimento. E festa, muita festa. Preponderou a idéia de movimento para fora.

Verificou-se que os alunos possuíam um conhecimento prévio sobre o tema e que já atribuíam significados a ele. Faltava suscitar neles meios que lhes possibilitassem atribuir significados ao eixo temático e que relacionassem ambos os conceitos.

A disciplina de História buscou ampliar e aprofundar essas representações mediante a delimitação do conceito de viagem entre os séculos XV e XVIII.

Um dos recursos didáticos utilizados foi o filme “1492 - A Conquista do Paraíso”, de Ridley Scott, que trata da viagem que culminou com a chegada de Cristovão Colombo à América.

As razões que levaram a buscar apoio pedagógico nesse filme decorrem do fato de que ele discute as motivações espanholas no sentido de financiar a viagem seguindo a orientação leste, enquanto Portugal permanecia fiel às suas rotas para o levante.

Por outro lado, o filme retoma as polêmicas renascentistas quanto à forma da Terra, discute os perigos e as dificuldades na travessia do Atlântico e os percalços nas relações estabelecidas entre os europeus e os indígenas. Mas acima de tudo, abre grandes possibilidades de reflexões a respeito do “olhar sobre o outro”.

Em Língua Portuguesa introduziu-se a viagem da família Schürmann, fato já bastante noticiado na imprensa. Aqui vale mencionar um comentário questionador numa das turmas, que obrigou a professora a perceber a visão equivocada, porque romântica, que tinha sobre o tema.

Na sua fala estava sendo presente uma certa exaltação à aventura e a atitudes de despojamento, inclusive de conforto, dos viajantes de uma forma geral e, no caso específico, da família Schürmann. Deixar tudo e se abrir para o novo; conhecer o outro, a si mesmo. Duplo movimento do olhar. A que um aluno (Piterson, 7^a. C) respondeu: que se o pai vendesse tudo o que tinha para empreender uma viagem de barco, mal daria para comprar um barquinho a remo e chegar a Biguaçu⁷. Despojar-se do que não se tem?! Péis no chão, professora! O que vem também reafirmar a teoria já lugar-comum de que o aprendizado é sempre uma via de mão dupla. E nesse estar atento para o tema e para as observações dos alunos, foram-se refazendo idéias, conceitos, alterando-se o tom da fala, buscando-se outros sentidos para o “olhar”.

Posteriormente pediu-se aos alunos que recolhessem em revistas e jornais tudo o que encontrassem sobre a viagem da família. Material fotocopiado na biblioteca, os alunos foram divididos em grupos para pesquisar e fichar, segundo as regras da metodologia científica, os seguintes temas: 1. Motivação para a viagem; 2. Preparativos para a viagem; 3. Manutenção da viagem; 4. Tipo de embarcação utilizada; 5. Perigos encontrados; 6. O olhar sobre o outro. Posteriormente, estes temas foram observados nos relatos de viagem de Hans Staden.

Paralelamente ao trabalho de leitura e pesquisa, os alunos participaram de duas atividades muito importantes para a discussão do tema em questão: de uma palestra com o casal Schürmann sobre os “Dez anos em um veleiro”, ocorrida no Centro Sócio-econômico da UFSC, e de uma “conversa-entrevista”, em sala-de-aula, com os alunos da escola argentina com a qual o colégio tem o programa de intercâmbio.

Sobre a primeira atividade, um breve comentário.

Embora tenha havido incentivo, poucos alunos participaram da palestra dos Schürmann e, os que foram, gostaram do que ouviram, tecendo elogios. Após o relato feito aos demais colegas, na 7ª “A” a professora expôs o seu ponto-de-vista, discordante, por sua vez, do dos alunos, apontando, nas falas do casal, etnocentrismo em relação às culturas a que se dispuseram conhecer. Indignação geral. A empatia foi com os “conquistados”. E os Schürmann, que serviram como motivação para se discutir o “sair do lugar”, abrir-se para o novo, ver o outro, a si mesmo, continuaram cumprindo essa função... às avessas!

Nesse mesmo tempo História desenvolveu uma atividade paralela aos temas constantes no conteúdo programático da sétima série, que se baseou no seguinte roteiro sobre o significado das fortalezas militares da Ilha de Santa Catarina:

- Quando, quantas e para quê foram construídas fortalezas na Ilha de Santa Catarina?

- Quem as construiu (em que governo)?

- Descreva as fortalezas a serem visitadas (número de prédios, finalidade das construções, estado atual de conservação, etc). Tarefa a ser realizada após a viagem de estudos às Fortalezas.

- Fale sobre a lógica da construção das fortalezas segundo o sistema de triangulação e sobre sua utilização no passado e hoje.

Responda e comente:

- É importante preservar as fortalezas?

- Quem tem a responsabilidade de preservá-las?

- Existem vantagens econômicas na preservação das fortalezas, na condição de patrimônio histórico e cultural de nossa cidade?

Para esse trabalho foi utilizada uma coletânea de textos de historiadores abordando os seguintes aspectos⁸:

- Contextualização da expansão européia nos séculos XVI, XVII e XVIII.

- Importância da América para os europeus.
- Posse da terra (Brasil) e suas riquezas.
- Importância do Brasil meridional e região platina "uti possidetis".
- Interesse de Portugal na fortificação da Ilha de Santa Catarina.
- Quantidade de fortes na Ilha de Santa Catarina, objetivos de sua construção etc.
- Colonização açoriana.
- Invasão espanhola na Ilha de Santa Catarina.
- Revolução federalista.
- Decadência e abandono dos fortes.
- Tombamento e restauração dos fortes.
- Usos recentes das fortalezas.

Esta atividade de coleta de dados pelos alunos era realizada paralelamente à ministração de conteúdos sobre o Brasil colonial.

Ao mesmo tempo em que essas atividades se desenvolviam, as disciplinas de Português e História, conjuntamente, solicitaram aos alunos a leitura, adaptada, dos relatos das viagens de Hans Staden ao Brasil. Portanto, do ponto de vista do ensino da História, tínhamos que constantemente estar fazendo reflexões que flutuavam entre os percalços da colonização portuguesa no Brasil e Ilha de Santa Catarina. O que na prática significava um exercício comparativo entre temporalidades diferentes, já que o surto de povoamento da Ilha só se torna significativo na segunda metade do século XVIII. Isso nos obrigava a trabalhar com diversos tempos simultaneamente, bem como com semelhanças e diferenças no que tange aos objetivos e estratégias de colonização. E esta é uma questão fundamental se considerarmos que a colonização e ocupação do litoral de Santa Catarina difere substancialmente do modelo do litoral do nordeste e sudeste. Estávamos, de fato, operando com exemplo de diversidade no conjunto de um contexto colonial.

As viagens de Hans Staden foram debatidas em sala de aula e na fala dos alunos percebeu-se não só uma grande aceitação pela leitura do livro, mas também uma compreensão crítica a respeito das condições que colocaram frente a frente um aventureiro alemão e uma nação indígena no Brasil.

Na disciplina de Português o debate ocorreu a partir de uma exposição oral feita pelos alunos em que apresentaram os dados colhidos no fichamento sobre a família Schürmann e os colhidos no relato de Staden. Os temas, portanto, foram discutidos comparativamente no passado e no presente.

82 • Ivonete da Silva Souza, Ana Maria Sabino

Em seguida, pediu-se aos alunos um texto-relato no qual seriam observados a criatividade, o espírito crítico, a coerência e clareza de idéias, foco narrativo e o uso adequado dos tempos verbais, em torno de uma das duas sugestões apresentadas:

1 . Hans Staden revisitando o Brasil:

A história termina com Hans Staden retornando a Hesse, na Alemanha. Imagine que nesses quatrocentos anos que nos separam, ele esteve adormecido. Ao despertar, resolve voltar ao Brasil:

- Que motivações o trazem de volta?
- Qual o meio de transporte utilizado, dessa vez?
- Enfrentou perigos?
- Como encontrou o índio brasileiro?

2 . Um navegador europeu revisitando a Ilha de Santa Catarina:

Um navegador europeu entra no túnel do tempo e aporta (imaginem que ainda há porto!) aqui. Como encontra a cidade?

- natureza e clima;
- sistema de defesa da Ilha;
- organização social da cidade (comércio, plano urbano da cidade, papéis atribuídos ao homem e à mulher, hábitos e costumes sociais etc.);
- descrição do habitante ou nativo da Ilha; e
- curiosidades.

A disciplina de História realizou uma avaliação em que solicitava tanto a compreensão do universo de onde saíra Hans Staden como aquele relativo ao universo dos tupiniquim. Buscou-se verificar se os alunos apresentavam aprendizagem que lhes permitisse comparar Hans Staden e seu mundo com o mundo dos tupinambá.

Na mesma atividade solicitou-se que os alunos comparassem as impressões de Hans Staden sobre Santa Catarina com as expressas nos relatos que os viajantes do século XVIII deixaram em sua passagem pelo litoral do Estado.

Portanto, a avaliação consistia em comparar tanto dois contextos como duas temporalidades diferentes.

As atividades e os enunciados foram os seguintes:

1) Os alunos deverão construir um texto individual contemplando os seguintes elementos:

- De que mundo saiu Hans Staden e que mundo ele encontrou.
- Aponte e comente as características políticas, econômicas, da so-

cidade e da mentalidade desses dois mundos em que Hans Staden viveu.

2) Comente as diferenças e semelhanças entre o mundo que Hans Staden viu e o que viram outros viajantes em Santa Catarina.

Para auxiliar esse trabalho, produzimos um texto com citações, extraídas dos relatos sobre a Ilha de Santa Catarina, de viajantes dos séculos XVII e XIX que aqui aportaram: Frézier, 1712, pp. 23, 24; Dom Pernitty, 1763, pp. 88, 89, 101, 104; La Pérouse, 1797, p. 115; Langsdorff, 1812, pp. 161, 165, 168, 170, 176, 180; Lisianski, 1814, p. 152; Chamisso, 1818, pp. 233, 235; Duperrey, 1822, pp. 258, 262, 263 e Mawe, 1824, p. 191.

Essas citações foram antecidas de uma orientação a respeito do que deveria ser observado sobre flora, fauna, moradia, festas, atividades produtivas, doenças, hábitos alimentares, práticas religiosas, condição feminina, hospitalidade e escravidão.

Naquele momento os alunos já entendiam que os documentos que então tinham em mãos refletiam, acima de tudo, a forma como nossos antepassados desterrenses eram vistos por franceses, ingleses, russos e alemães.

Por outro lado, mesmo sendo fruto de uma representação de olhares europeus, os relatos continham algumas observações constantes e regulares sobre o modo de viver e jeito de ser dos habitantes da Ilha de Santa Catarina.

Esses relatos também fazem alusão às fortalezas e à impressão dos estrangeiros sobre elas.

Nesse texto, demos preferência a informações que fossem curiosas, ainda que sérias, a alunos de sétima série. Assim íamos do romântico ao jocoso e dali ao trágico etc.

É importante reafirmar que esse texto possibilitou uma relativização a respeito de nossa condição de colonizadores e colonizados e se constituiu na definição de um certo estilo próprio de produzir material didático a partir de fontes históricas.

A outra atividade realizada - passeio marítimo às fortalezas da Ilha de Santa Catarina, foi preparada tendo por objetivos proporcionar uma compreensão empática dos alunos a respeito das possíveis sensações e percepções presentes no universo dos sujeitos das viagens marítimas, e também uma experiência pedagógica de coleta de dados mediante procedimentos empíricos. A avaliação da atividade consistia na elaboração de um relatório, cuja estrutura foi estudada em Língua Portuguesa.

84 • Ivonete da Silva Souza, Ana Maria Sabino

Orientou-se os alunos para que incluíssem no item “introdução” os objetivos da viagem; no “desenvolvimento”, relacionassem com a viagem o material usado para fazer a pesquisa e que, na “conclusão”, com base no exposto no desenvolvimento, pensassem no papel que as fortalezas desempenharam no passado e desempenham hoje na História e no desenvolvimento da nossa cidade, e que emitissem a sua opinião sobre o valor da experiência que estavam realizando.

A visita às fortalezas foi o momento de observar as diferenças na colonização do litoral catarinense daquela realizada no nordeste/sudeste, enquanto que a comparação dos relatos tinha acrescido o interesse de aprofundar as reflexões a respeito do “olhar sobre o outro”.

Estes relatórios foram avaliados concomitantemente pelas disciplinas de Português e História.

Português avaliava a estrutura e coerência textual e História o nível de veracidade e profundidade das informações, sem desconsiderarem o relatório no seu conjunto.

Considerações finais em língua portuguesa

Na reconstrução ou reinvenção da memória, passados quatro anos, algumas avaliações do que se fez permanecem, outras surgem.

Se por um lado trabalhou-se com textos variados, como jornais, revistas e uma crônica de viajantes - texto incomum para alunos de sétima séries; se fez-se da sala-de-aula um espaço para troca de experiências com quem vem de fora, de uma outra cultura; se foi proporcionado ouvir “*in loco*” navegadores locais contando de culturas diferentes da nossa; se foi proporcionando, também, sair da sala-de-aula para estudar a História da cidade; se discutiram-se acontecimentos próximos e distantes, atuais e remotos; se a questão cultural que sustenta o nosso olhar sobre o outro - questão motivadora e norteadora deste trabalho - esteve em cena todo o tempo; por outro lado, o trabalho em Língua Portuguesa ficou muito “colado” ao desenvolvido pela disciplina de História. Ou seja, trabalhou-se pouco com o conceito e a escrita de crônica e com o surpreendente que caracteriza o texto lido. Mas nem por isso a viagem perdeu o encanto.

À parte estas observações, a alegria em ver no Museu de Arte de São Paulo, em outubro de 1994, portanto, concomitante à realização do

nosso trabalho, "O Brasil dos Viajantes", e ver, introduzindo a exposição, desenhos de Hans Staden sobre a sua aventura em terras brasileiras; e a alegria também de ouvir Octávio Ianni, no II Seminário Internacional de História da Literatura, em 23 de setembro de 1998, em Porto Alegre, na conferência "Sociologia e Literatura", que o tema "viagem" é o grande tema de todas as linguagens conhecidas, nas ciências sociais e na literatura, por colocar a questão do eu e do outro.

Considerações finais em História

No momento não dispomos mais das atividades de todos os alunos, mas com relação ao montante de trabalhos que pudemos recuperar (ao todo 21), pudemos verificar que houve realmente compreensão a respeito da diversidade que caracterizava o contexto europeu e o brasileiro no século XVI, bem como os distintos interesses expressos nos relatos elaborados no século XVIII e naqueles contidos nos relatos de Hans Staden.

Recentemente, observando trabalho expostos nas paredes de algumas salas de aula, de alunos do terceiro ano do II grau, com os quais esse trabalho foi realizado na sétima série, chamaram-me atenção certas informações que constavam nos painéis. Muitas das informações e reflexões presentes, provavelmente haviam sido extraídas da série documental dos relatos dos viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX.

Estas atividades que envolveram o tema viagem e o eixo temático "o olhar sobre o outro" constituem-se em veios de aproximação para outros trabalhos interdisciplinares, bem como caminhos para a aplicação das novas contribuições da reflexão histórica no âmbito da produção do conhecimento escolar.

Foi o momento de alargamento da abrangência do conhecimento histórico levado à experiência em sala de aula (e fora dela).

Faltou-me, na ocasião, associar as novas linguagens e abordagens da história às metodologias que discutem a construção do conhecimento segundo as contribuições piagetiana e vigotskiana, procedimento que teria possibilitado outras reflexões sobre a construção de conceitos, desenvolvimento de raciocínio lógico, elaboração de hipóteses e deduções.

Do que foi possível resgatar nesse exercício de busca de documentos didáticos que aquele momento produziu, incluindo aqueles que servi-

raim como avaliação dos alunos, e fragmentos que a memória reconstrói, penso que, de certa forma, somos tão viajantes quanto àqueles que buscávamos, e que o tempo que já nos separa de 1994 faz com que sejamos o “outro” de nós mesmos, para os quais pousamos nosso crítico, recente e estranho “olhar”.

Notas

- 1 MARIA, Luzia de. “A constituição do leitor”. In: Leitura, saber e Cidadania: Simpósio Nacional de Leitura. RJ: PROLER: Centro Cultural Banco do Brasil, p. 175.
- 2 CHIAPPINI, Ligia. “Leitura e interdisciplinaridade”. Idem, p. 48.
- 3 CASTRO, Maria da Conceição. Língua e Literatura. 5a. ed., SP, Saraiva, 1998.
- 4 Parâmetros Curriculares Nacionais, p. 123.
- 5 FARACO, Carlos E. e MOURA, Francisco M. Literatura brasileira. 9a. ed., SP: Ática, 1998
- 6 Idem
- 7 Biguaçu é uma cidade da Grande Florianópolis.
- 8 Essa coletânea fora organizada por um grupo de professoras do Colégio de Aplicação, objetivando a ministração de guias mirins que atuassem nas fortalezas durante alta temporada de turismo.

Referências bibliográficas

- STADEN Hans. Viagens e Aventuras no Brasil. Adaptação de Luiz Antonio Aguiar. São Paulo: Melhoramentos, 1992.
- BURKE, Peter. A Escola dos Annales. 1929-1989. A Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: UNESP, 1992.
- BURKE, Peter. A Escrita da História - Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.
- Ciências Sociais. Madrid, Spain, Visor, 1989.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Domingo, 16 de outubro de 1994.

- FOLHA DE SÃO PAULO. Quinta feira, 26 de janeiro de 1995.
FOLHA DE SÃO PAULO, 14 e 15 de junho, 1994.
- GIUCCI, Guilherme. **Viajantes do Maravilhoso**. O Novo Mundo. Companhia das letras. São Paulo, 1992.
- GOMES, Laurentino. Dez anos no mar. In: **Veja**, ano 27, n. 22, 1º de junho, 1994.
- GREGÓRIO Filho, Francisco (org.) **Leitura, saber e cidadania. Caderno Simpósio Nacional de Leitura**. Rio de Janeiro, PROLER: Centro Cultural Banco do Brasil, 1994.
- LINHARES, Maria Yeda. **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990.
- MACHADO, Rosângela M. de Melo. **Fortalezas da Ilha de Santa Catarina: um panorama**. Florianópolis: Gráfica Editora Pallotti, 1992.
- MARTINS, Maria Helena (org.) **Questões de Linguagem**. São Paulo, Contexto, 1991.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - História. 5º a 8º Séries. Brasília, MEC, 1998.
- PIAZZA, W. F. **Santa Catarina: Sua história**. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1983.
- RELATOS DOS VIAJANTES ESTRANGEIROS NOS SÉCULOS XVIII E XIX. Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Lunardeli, 1990.
- REVISTA NÁUTICA, nos. 67 (março), 68 (abril), 69 (maio), 70 (junho), 1994.
- SALVADOR, César Coll. **Aprendizagem Escolar e construção do Conhecimento**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- SANTOS, Silvio Coelho. **Nova História de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1974.
- SILVA, Ezequiel Teodoro da. **O ato de ler**. 5ª ed., São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1991.
- THEODORO, Janice. **Renascimentos e descobrimentos**. São Paulo: Contexto, 1990. CARRETERO, Mário; POZO, Juan Ignacio; ASENSIO, Mikel. **La Enseñanza de Las**.
- ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da leitura**. São Paulo, Contexto, 1988.